

VOZ FEMININA NA CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO: MARY WOLLSTONECRAFT - FILÓSOFA, FEMINISTA E REVOLUCIONÁRIA

Marília Santos Silva¹

Ana Luiza Salgado Cunha²

Resumo

Este trabalho é resultado de uma pesquisa inicial que visa explorar o papel revolucionário das mulheres na história do pensamento filosófico a partir da discussão sobre a construção epistemológica da filósofa Mary Wollstonecraft, reconhecida como uma das precursoras do feminismo aliado a Filosofia, cujo trabalho antecipou seu tempo durante o século XVIII. Partindo de sua obra seminal, "A Reivindicação dos Direitos da Mulher" (1792), examinamos seu pensamento contextualizando-o no cenário filosófico e histórico de sua época, abortando, criticamente, a sistemática invisibilidade das mulheres nos espaços de debate filosófico, especialmente nas academias e nas principais obras sobre a história da Filosofia.

Palavras-chave: Mulheres. Filosofia. Feminismo.

Introdução

A presença das mulheres na Filosofia tem sido historicamente sub-representada, uma realidade refletida não apenas na escassez de filósofas reconhecidas, mas também na marginalização de seus pensamentos e contribuições nos principais debates filosóficos. Este fenômeno revela não apenas uma lacuna no registro histórico do pensamento filosófico, mas também um desafio contínuo para a inclusão e a equidade de gênero no campo da Filosofia.

Ao fazer uma pesquisa teórica sobre as filósofas nos diversos períodos da filosofia, nos deparamos com muitas dificuldades que nos faz questionar: Existem mulheres filósofas? Onde estão as mulheres na filosofia? Juliana Pacheco afirma: "A Filosofia não foi e nem é feita apenas por homens, porém, a voz masculina ainda é dominante na filosofia". (Pacheco, 2015, p. 23). Embora percebamos que há um apagamento histórico das pensadoras nos espaços de debates filosóficos, inclusive desde a sistematização do ensino de filosofia, encontramos mulheres que foram de suma importância para a história da filosofia e deixaram um legado

¹ Discente de Lic. em Filosofia – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

² Docente Assistente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

para além do campo filosófico, a exemplo da filósofa que debateremos a seguir, Mary Wollstonecraft, que:

ficou conhecida pelas suas defesas aos direitos das mulheres. Sua obra *A Reivindicação dos Direitos da Mulher* é considerada como uma das mais importantes. Nesta obra ela defende que as mulheres não são possuidoras de uma inferioridade natural quando comparadas a natureza masculina, afirmando que há uma aparência de inferioridades nas mulheres por não ser dada uma educação igualitária entre os sexos. Deste modo, Wollstonecraft propõe que todos devem ser tratados como seres racionais. (Pacheco, 2015, p. 27)

Mary Wollstonecraft (1759 – 1797) é uma filósofa oriunda do século XVIII, alocada no período filosófico Moderno. De origem inglesa, nascida em Londres, a pensadora se destacou por vezes, mais pela sua biografia, do que pela sua produção filosófica. Wollstonecraft teve uma infância e adolescência incomum. Seu pai era um alcoólatra e viciado em apostas, obrigando a sua família passar por constantes mudanças para fugir de credores e precarizando a educação formal das filhas. Embora a curiosidade de Mary a levasse em busca de conhecimento e sendo uma frequentadora assídua das bibliotecas onde passava. Para além desses transtornos, a pensadora também presenciava as agressões de seu pai em sua mãe, tendo que fazer até plantão no quarto de sua mãe para evitar que fosse agredida fisicamente. Essas são vivências que certamente influenciaram seu pensamento, como abordaremos a seguir. (Hennemann; Lessa, 2022).

Wollstonecraft defende que as mulheres devem receber uma educação equivalente aos homens, serem incentivadas a viajarem antes do casamento, que as mulheres tenham independência financeira e a divisão igualitária de tarefas do cuidado dos filhos entre o pai e a mãe. Embora tenha produzidos vasto acervos de obras, Mary teve uma vida muito curta, falecendo aos 38 anos, após dez dias do parto de Mary Godwin, sua segunda filha que tornara autora do famoso livro Frankenstein. Infelizmente, fatalidades, como a de Wollstonecraft, eram muito comuns em sua época.

WOLLSTONECRAFT E OS DIREITOS DAS MULHERES

A pensadora desempenha um papel fundamental na luta feminina, a discussão pela igualdade na educação entre homens e mulheres de seu tempo. Nesse período, os homens recebiam um tipo de educação diferente. Enquanto eram incentivados a viajarem para adquirirem mais culturas, sobrava para mulher o papel de submissão e apenas a do casamento. Não lhes eram permitidos sonhar, apenas casar. Assim eram criadas as mulheres de seu tempo, que se quer recebiam boa educação, caso não fossem de famílias nobres. O filósofo Jean-

Jacques Rousseau é um dos pensadores responsáveis por alimentar este pensamento, com destaque na obra *Emilio ou da educação*, publicado em 1762, onde o autor se dedica a escrever sobre a educação de Emilio da infância ao casamento. Segundo o genebrino, as mulheres deveriam receber um tipo de educação diferente por serem mais frágeis e incapazes de desempenhar funções que só cabiam pessoas do gênero masculino, ou seja, são inferiores aos homens. Enquanto a filósofa rebate argumentando que as mulheres não seriam de sexo frágil “(...) se fosse permitido às meninas fazer exercício suficiente, se elas não fossem confinadas em salas fechadas até seus músculos relaxarem e seus poderes de assimilação serem destruídos.” (Wollstonecraft, 2016, p. 87).

Sobre a razão, Rousseau estabelece uma hierarquia dividindo as atribuições das razões entre homens e mulheres. Afirma: “A procura das verdades abstratas e especulativas, dos princípios, dos axiomas nas ciências, tudo o que tende a generalizar as ideias não é da competência das mulheres, seus estudos devem todos voltar-se para a prática (...)” (Rousseau, 1995, p. 463). Segundo o filósofo iluminista, a razão feminina é puramente prática e instrumental, apenas a razão masculina é capaz de pensar abstratamente. Toda a parte especulativa e metafísica, não cabiam as mulheres. Mary discorda veementemente das declarações e afirma:

Os homens, em geral, parecem empregar a razão para justificar preconceitos, assimilados quase sem saber como, em vez de procurar desarraigá-los (...). Dizer que a sociedade formada de maneira mais sábia é aquela cuja constituição se baseia na natureza do homem é algo tão forçosamente evidente para todo ser pensante que parece presunção esforçar-se para mostrá-lo. No entanto, as provas são necessárias, caso contrário o profundo domínio da prescrição nunca será abalado pela razão, haja vista que apelar para os costumes como argumento para justificar que os homens (ou as mulheres) sejam privados de seus direitos naturais é um dos sofismas mais absurdos que diariamente insultam o bom senso. (Wollstonecraft, 2016, p. 31)

Wollstonecraft discorre sobre as ridicularizações que as mulheres sofriam em sua época, advindos das superficialidades e insensatez. Mas como desenvolver discussões profundas se não eram educadas para isso? Os intelectuais insistiam em argumentar que essa inferioridade intelectual é da essência feminina e não da educação diferente que ambos recebiam. “(...) os homens que, por seus escritos, mais têm se esforçado para domesticar as mulheres tratam de debilitar seus corpos e entorpecer suas mentes por meio de argumentos ditados por um apetite grosseiro, que a saciedade torna fastidioso.” (Wollstonecraft, 2016, p. 88 – 89).

APAGAMENTO HISTÓRICO

Desde quando foi sistematizado o ensino de filosofia, as pensadoras continuaram a margem desse espaço. Como se não bastasse, elas também estão excluídas das principais obras e coleções sobre a história da filosofia. Ao fazermos o questionamento sobre a existência das mulheres na filosofia, encontramos mulheres que se dedicaram a este campo do pensamento desde a antiguidade. Embora atualmente tenham se destacado e vem ganhando espaço dentro das academias as filósofas contemporâneas como Hannah Arendt, Edith Stein, Judith Butler, Simone Beauvoir e Lélia Gonzalez, nomes como Diótima de Manteneia (citada no Banquete de Platão), Hipátia de Alexandria (responsável pela invenção do astrolábio), Aspásia de Mileto e Temístoclea de Delfos se destacaram por suas inteligências (fora do comum na Grécia Antiga), aparecem, mesmo atrelado ao nome de filósofos, resistindo ao apagamento que suas obras não sobreviveram. Se conhecemos a existência de pensadoras desde a Grécia antiga, dos séculos IV e V, aos dias, quais as justificativas para a ausência dessas pensadoras nas cadeiras de Filosofia? Pacheco afirma:

Os discursos dos filósofos influenciaram diretamente o posicionamento das mulheres na filosofia, deixando-as nas margens e no ocultamento. Ainda hoje podemos encontrar as consequências de tais discursos quando não encontramos a figura feminina associada ao campo do saber filosófico. A imagem da mulher foi e continua sendo moldada negativamente, porém, na atualidade, essa “modelagem” tem ocorrido de maneira sutil, agindo “camufladamente”. (Pacheco, 2015, p. 17)

Quando o machismo é política de Estado, estrutural, é crucial que, como mulheres, pensemos e reflitamos profundamente sobre nossos direitos enquanto mulheres. Estamos aqui construindo formas de entender as diversas experiências de ser mulher, questionando uma ideia homogênea que não apenas nos define, mas também nos limita. A compreensão é que os feminismos, como teoria, são construídos a partir de experiências incompletas, vivências e reflexões profundas que se entrelaçam com uma teoria social mais abrangente, abrindo espaço para histórias que ainda não foram contadas (Cunha e Moreira, 2023).

Segundo Cunha e Moreira (2023), quando se busca uma única versão, a história dominante deslegitima qualquer outra visão alternativa da realidade. A busca pela verdade hegemônica é opressiva, negando outras formas de existência. Toda narrativa carrega consigo um viés, uma perspectiva e um propósito, nunca podendo ser neutra. O foco central desta reflexão é analisar o protagonismo e a autoria feminina na produção filosófica de conhecimentos, tendo em vista que, historicamente, as mulheres têm sido silenciadas, apagadas e ocultadas na história registrada, especialmente na história dominante. Portanto, buscamos pensar a produção epistemológica feminina como elemento estratégico na construção de um futuro alternativo possível e da análise posicionada do que já foi produzido.

Considerações Finais

A obra de Mary Wollstonecraft, ao argumentar vigorosamente pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, desafiando as normas sociais e filosóficas de sua época, é uma peça fundamental no movimento feminista e na história do pensamento filosófico. Ela critica profundamente a exclusão das mulheres da educação e da esfera pública, destacando como isso perpetua a opressão e limita o potencial humano. Além disso, Wollstonecraft defende que a educação igualitária é essencial para o desenvolvimento moral e intelectual de todos os indivíduos, independentemente do gênero. Sua obra pioneira continua a ser uma fonte inspiradora de reflexão e debate sobre questões de gênero, igualdade e justiça social.

O apagamento das mulheres na Filosofia é uma manifestação clara de injustiça histórica e intelectual. Ao longo dos séculos, as contribuições das filósofas foram consistentemente minimizadas, ignoradas ou atribuídas a seus contemporâneos masculinos. Esse fenômeno não apenas distorce nossa compreensão da história do pensamento, mas também perpetua um ciclo de desigualdade e exclusão no campo filosófico. A falta de reconhecimento das vozes e perspectivas femininas não apenas diminui a riqueza e diversidade da Filosofia, mas também reforça estereótipos de gênero e perpetua hierarquias injustas. Para alcançar uma filosofia verdadeiramente inclusiva e representativa, é crucial não apenas recuperar e valorizar as contribuições das filósofas passadas, mas também promover ativamente a igualdade de oportunidades e visibilidade para as mulheres na Filosofia contemporânea.

Referências

CUNHA, Ana Luiza Salgado; MOREIRA, Núbia Regina (organizadoras) **Narrar-se como processo de (re)existência – Narrativas de mulheres da UNEB VI** / – Curitiba: CRV, 2023.

ESTACHESKI, Dulceli de Lourdes Tonet; MEDEIROS, Talita Gonçalves de. A atualidade da obra de Mary Wollstonecraft. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 375–378, 2017. DOI: 10.1590/%x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/45066>.

HENNEMANN, Natasha; LESSA, Fabiana. **Filósofas: O legado das mulheres na história do pensamento mundial**. Maquinaria Sankto, 2022.

PACHECO, Juliana. Onde estão as filósofas na filosofia. **Mulher e Filosofia: as relações de gênero no pensamento filosófico**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

ROUSSEAU, Jean-Jacques; OU DA EDUCAÇÃO, Emílio. Tradução de Sérgio Milliet. **São Paulo: Difusão**, 1995.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher**. Trad. de Motta, Ivania Pocinho. São Paulo: Boitempo, 2016